



Evaristo João de Jesus PINTO, *O Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria – Carregal do Sal (Das Origens à Sua Formação. Colecções, Espaços, Educação e Património do concelho)*, Câmara Municipal de Carregal do Sal, 2008. ISBN: 978-989-8042-02-6. 368 páginas, profusamente ilustradas a cores. Prefácio do Doutor José Amado Mendes (p. 5-7).

Constituindo, no essencial, a dissertação de mestrado em Museologia e Património Cultural, que o autor defendeu com êxito, na Faculdade de Letras de Coimbra, o volume abarca as temáticas referidas no subtítulo, cuidadosamente tratadas. E, de certo modo, a pretexto do museu, é aqui traçada uma panorâmica do que tem sido, em Carregal do Sal, toda a preocupação em recuperar, salvaguardar e divulgar o património cultural concelhio, em todas as suas vertentes. Estamos perante um jovem museu, porque embora, como se narra no cap. I («Gémen da instituição museológica», p. 27-52), naturais antecedentes houvesse, o certo é que só a 17 de Julho de 2006, o Museu Municipal Manuel Soares de Albergaria abriu ao público, após uma ascensão e desenvolvimento de que se dá miúda conta no cap. II (p. 53-83). Ideia amadurecida, objectivos fixados, foi preciso estudar depois como instalar e organizar o espaço, na medida em

que se ia ocupar um edifício «construído em meados do século XX, para fins habitacionais da família Pedro Manuel Soares de Albergaria e Sousa», solar que o Município houve por bem adquirir para o efeito.

Perspectivou-se o melhor aproveitamento do edifício em função do necessário programa museológico a implantar: avaliaram-se, definiram-se e distribuíram-se os espaços, de acordo com as características do espólio a expor: pintura, escultura, arqueologia, etnografia e armaria, prevendo-se, naturalmente, uma sala de exposições temporárias.

Esteve Evaristo Pinto profundamente envolvido em todas as fases do processo e, por isso, não pôde descurar dois outros aspectos fundamentais numa instituição museológica que se pretende actuante no seio de uma comunidade que, se não estava 'virgem' de museus, não se encontrava, pelo menos, motivada o bastante para encarar a iniciativa com o

entusiasmo requerido: a educação (é do que trata o capítulo IV – p. 117-151) e as diversas vertentes do património cultural bem vivas no território concelhio (cap. V, p. 154-167). Referem-se, pois, as iniciativas oferecidas à população escolar e o que, complementarmente, se gizou em termos de integração do museu no território envolvente. E se, tanto num domínio como no outro, imperou o dinamismo e a vontade de não esmorecer, neste último aspecto os projectos concretizados merecem amplo destaque, pois se criou um roteiro arqueológico; o Circuito Pré-Histórico Fiais/Azenha (com a musealização de doze estações arqueológicas devidamente especificadas no anexo 45); levou-se a efeito exaustivo levantamento arqueológico da zona norte do concelho, em que se identificaram mais cerca de 30 novos testemunhos patrimoniais (anexo 46); criou-se o percurso patrimonial das Cimalhinhas e o circuito arqueológico da Cova da Moira; deu-se vida ao Núcleo Museológico do Lagar de Varas de Parada.

Tem razão, pois, o Autor, quando afirma, na conclusão, que se logrou criar, desta sorte, «um museu dinâmico», foco de irradiação de todo um conjunto organizado de actividade de índole cultural em função de uma comunidade.

Depois da bibliografia, um exaustivo conjunto de anexos (textos, documentos, imagens), desde a p. 193 à 368, que, organizados de acordo com os capítulos, deles constituem imprescindível complemento.

Em suma: um trabalho simples, concreto, que, aplicando na prática o que reza a teoria, documenta, de forma singela mas rigorosa, uma deveras frutuosa e exemplar caminhada.

José d'Encarnação